



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 3, número 3, set-dez 2014

O IMPÉRIO DO SOL: UM ROMANCE HISTÓRICO PÓS-MODERNO



EMPIRE OF THE SUN: A HISTORICAL POST-MODERN NOVEL

RAQUEL DE VASCONCELLOS CANTARELLI,
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO
MESQUITA FILHO” (UNESP – ARARAQUARA)

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 05/11/2014 • APROVADO EM 22/12/2014

Abstract

In this article, we present a critical reading of *Empire of the Sun*, by J.G. Ballard as a historical post-modern novel, by evincing the relations between oeuvre and society. We indicate how its narrative mode substantiates criticisms and questions about the typical values of the occidental society, by means of a historical limit situation, which is the basis for structuring the protagonist personality. We also evince how it makes us think over the implications of

subjectivity in our perceptions of the world, the relativity of reality and the impossibility of recovering the past in a total and objective way.

Resumo

Neste artigo, apresentamos uma leitura crítica de *O Império do Sol*, de J.G. Ballard, em sua condição de romance histórico pós-moderno, indicando as relações entre obra e sociedade. Aqui evidenciamos como sua narração fundamenta críticas e questionamentos sobre os discursos e valores típicos da sociedade ocidental, a partir de uma situação-limite histórica, a qual fundamenta a estruturação da personalidade do protagonista. Demonstramos, também, de que modos nos faz refletir sobre as implicações da subjetividade em nossa percepção do mundo, a relatividade da realidade, e a impossibilidade da recuperação objetiva do passado.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Subjectivity. Perspective. Reality.

PALAVRAS CHAVE: Subjetividade. Perspectiva. Realidade.

Texto integral

O Império do Sol, de James Graham Ballard, foi lançado em 1984. O autor ficou conhecido por sua literatura distópica, com temas recorrentes sobre as consequências do desenvolvimento tecnológico para o meio-ambiente e como isso afetaria a vida e a mente dos indivíduos. Embora fosse inglês naturalizado, Ballard nasceu em Xangai, vivenciando a ocupação da China pelos japoneses. Na época, foi internado num campo de prisioneiros, juntamente com seus pais ingleses, ali permanecendo dos 12 aos 15 anos de idade.

O autor utiliza suas memórias da adolescência para compor essa obra, a qual mescla a ficção com elementos autobiográficos. James Graham é também o nome do protagonista da intriga, além de ter a mesma idade do autor ao passar pelo mesmo tipo de experiência. Assim, podemos considerar o testemunho pessoal de Ballard como o condicionador de *O Império do Sol*, o que resulta em um dialogismo entre contexto e obra extremamente vívido ao público leitor.¹

Desenvolveremos aqui uma leitura crítica dessa obra apontando os elementos que a tornam engajada no movimento pós-modernista. Verificaremos como seus modos de representar um determinado momento histórico, transforma-se em instrumento de contestação das ideologias e valores do mundo moderno e da historiografia tradicional.

A narração realizada sob a perspectiva infantil do protagonista torna-se um dos aspectos mais importantes a ser aqui abordado. Destacamos o fato de que, ao vivenciar a situação-limite que envolve a guerra e o campo de concentração, surge a necessidade da elaboração de novos significados para sua existência. Dessa forma, o protagonista reorganiza, internamente, sua percepção do caos que envolve o mundo externo, o que gera implicações sobre a relatividade da realidade quando esta é observada sob diferentes pontos de vista.

Esse um ponto crucial na narrativa, não só para o desenvolvimento do enredo, mas para lançar desafios às convenções sociais e ao senso-comum, bem como para problematizar as relações entre linguagem e realidade, a percepção subjetiva dos fatos, e tudo o que envolve a recuperação dos fatos históricos.

Algumas considerações sobre o romance pós-moderno e sua abordagem do conhecimento histórico

Antonio Candido (2006, p. 12; 18-22) chama a atenção para a inevitabilidade do condicionamento social de toda obra de arte. Isso se dá tanto pela necessidade do artista de atender aos anseios do público, inserido em uma determinada época e cultura, como pela impossibilidade do autor em escapar às ideologias de seu próprio tempo. Entretanto, no caso da obra literária, essa dialética torna-se significativa quando fatores externos, sociais e psíquicos, vêm a integrar a própria estrutura da obra. Essa característica corrobora a função social e política do autor, porque resulta numa narrativa crítica e reflexiva em sua representação da realidade coletiva.

Isso se aplica substancialmente ao romance histórico pós-moderno, por seu modo de incorporar a História a partir de uma postura questionadora, alinhando-se às perspectivas da sociedade moderna, assim como às mudanças que delineiam a nova historiografia. Desse modo, representa o ceticismo e o caráter desafiador das novas formas de pensar que marcam grande parte da cultura atual. Sobre isso, Hutcheon (1991, p. 121) diz: “Parece haver um novo desejo de pensar historicamente, e hoje pensar historicamente é pensar crítica e contextualmente”.

Esse repensar crítico, segundo Wesseling (1991, p. 70), se inicia ainda no século XIX, com as contestações de Nietzsche e Schopenhauer à idealização do conhecimento histórico, até então baseada em pressupostos humanistas e positivistas, como a defendida por Hegel.

Contudo, Hutcheon (1991, p. 20 – 25; 33) esclarece que é somente após 1960 que ocorre uma ruptura mais acentuada com as velhas formas de pensamento que estruturam as bases de nossa sociedade, dando vazão aos movimentos antirracistas, feministas e de liberação sexual, como expressão das novas percepções de mundo e dos anseios por mudanças nos valores e práticas sociais.

Nas décadas seguintes, surgem autores como Derrida, Habermas, Baudrillard e Foucault, que passam à teorizar sobre a desconstrução das certezas que fundamentam o pensamento ocidental. Essa nova tendência acentua os ataques contra a historiografia tradicional, cujos registros se revestiam de um caráter de autenticidade inquestionável, supondo a apreensão dos fatos passados em sua totalidade e de forma objetiva.

De acordo com a autora, é nesse substrato revolucionário que se encontra o gérmen do movimento cultural pós-modernista, o qual toma corpo tanto na Europa como nas Américas do Norte e do Sul. Considera-se, então, que o romance histórico pós-moderno torna-se sinônimo da expressão pós-moderna na literatura. Esse gênero transforma em sua própria essência a necessidade de repensar as condições em que o conhecimento histórico é obtido e a noção de verdade implicada.

Sendo a História relatada por meio de discursos linguísticos, inicia-se um debate sobre até que ponto se pode alcançar a veracidade inequívoca dos fatos:

O que se enfatiza é a percepção contemporânea do caráter instável da palavra enquanto instrumento de viabilização de quaisquer verdades. Há uma margem inevitável de falibilidade e dúvida inerente não apenas à palavra, mas que está na base da constituição de toda linguagem. Tal margem se amplia, ficando em evidência, quando à palavra se atribui a tarefa de registrar a experiência do que já se passou, de se conservar aquilo a que não se tem mais acesso diretamente – quando se tenta reproduzir o movimento da “água da História”, na forma de um relato verbal (BOËCHAT, 2000, p. 46).

Entretanto, esse modo de abordagem expressa pela literatura pós-modernista, sempre colocando em dúvida os discursos históricos, acaba fomentando muitas reações antagônicas. Por exemplo, teóricos como Jameson e Eagleton (apud HUTCHEON, 1991, p. 38; 45; 62), acusam esse tipo de arte de ser, até mesmo, contrária à História, ao representá-la de modo superficial e pouco fidedigno, principalmente no que tange ao uso corrente da ironia e paródia em sua intertextualidade com discursos históricos e literários do passado.

Em resposta, Hutcheon explica que, tendo em mente a busca de uma redefinição de passado histórico e de sua noção de verdade, não há como a História ser representada nas obras de modo a restabelecer a realidade de forma objetiva e única, como esses críticos desejam. Uma vez que o cerne do pós-modernismo é a subversão dos discursos tradicionais, eles são introduzidos na obra por meio da ironia, de modo que esse tipo de intertextualidade funcione como um recurso de insubordinação a tudo o que foi afirmado anteriormente.

De modo geral, o pós-modernismo desafia a noção de verdade contida em todos os discursos dominantes que fundamentam a sociedade ocidental, sejam eles de caráter histórico, político, ideológico, ou de outra natureza. Com isso busca conscientizar sobre a convencionalidade dos valores que estruturam e governam a vida coletiva como um todo. Não há a pretensão de destruir o sistema preestabelecido, nem negar sua importância para a organização social, ou negar a História em si. O que anseia é colocar em evidência que somos todos submetidos a discursos criados para trazer significados a nossa existência, os quais não encontram suporte em nenhuma verdade absoluta ou transcendental (HUTCHEON, 1991, p. 13-15; 65-68).

Sobre isso, ao debater as relações entre realidade objetiva e sua representação por meio de construções linguísticas, implicando na desconstrução da noção de verdade, Boëchat (2000, p. 29) diz: “A questão da verdade é colocada quando se pensa em texto, em escrita, em discurso. A História, enquanto uma modalidade de discurso sobre a existência humana, não escapa a essa consideração.”

Dessa forma, a literatura pós-moderna estabelece uma relação de aproximação entre a ficção e a História, a arte e a vida, o que problematiza também as convencionalidades artísticas, tornando fluidas as fronteiras entre os gêneros, como se dá com essa obra de Ballard, que mescla romance e autobiografia (HUTCHEON, 1991, p. 26-27).

O desenvolvimento do romance histórico em direção ao pós-modernismo

Compreendemos que a ficção histórica pós-moderna torna-se característica por sua insistência em contestar os conceitos que formam as bases do pensamento ocidental. Esses pressupostos são repensados como construções humanas e, enquanto tais, são relativos, incertos e provisórios. Isso leva a um apagamento de fronteiras entre a ficção e a História, uma vez que ambas são consideradas como discursos que dependem da verossimilhança para gerar sentidos, equiparando-se

por ter outros textos como referentes, em lugar da realidade objetiva (HUTCHEON, 1991, p. 68; 141; 238).

Essas características opõem-se radicalmente à historiografia tradicional e sua forma totalizante e pseudo-objetiva de abordar o passado. Contraria também as prescrições de Lukács (apud ANDERSON, 2007, p. 215-16) para a elaboração da ficção histórica clássica, delineada no início do século XIX, a qual compactuava com os registros oficiais. Mesmo ao retratar personagens medianos, o foco histórico permanecia unilateral, servindo como uma validação da ótica dos vencedores. Isso é corroborado por Wesseling (1991, p. 73), ao observar que essas obras tinham o intuito de fomentar sentimentos nacionalistas, pela exaltação de momentos heroicos e das grandes personalidades da História.

A partir de 1848, o gênero passa a ser depreciado, por tornar-se inconveniente às ideologias dominantes do regime burguês. A necessidade de conter os trabalhadores insatisfeitos e manter intacta a estruturação da sociedade fazia com que se evitasse qualquer glorificação do passado e outras formas de governo. Nesse momento, o romance histórico passa a representar a História de modo distanciado, sem qualquer vínculo com a realidade coletiva da época.

Essa decadência do gênero se agrava após a Primeira Grande Guerra, já que com as catástrofes vivenciadas, sua natureza de enaltecer as grandes batalhas, torna-se pouco atrativa. Como uma reação às conjunturas conflitantes da época, o movimento modernista ganha força. Sua arte concentra-se na percepção imediata e fragmentada da realidade. Há um rompimento com as formas artísticas do passado, adotando-se uma atitude inovadora, contestadora e futurista. Portanto, essas novas características tornam-se inadequadas à continuação do romance histórico, ao menos nos moldes com que era tratado (ANDERSON, 2007, p. 206-7; 211-13).

Entretanto, o modernismo também utiliza o desenvolvimento da psicanálise freudiana para representar as crises nas relações humanas, explorando intensamente as relações entre o mundo interno do indivíduo e sua percepção da realidade externa. A partir disso, o romance histórico começa a experimentar novos modos de representação, refletindo o consciente e o inconsciente humanos, buscando compreender como as experiências vivenciadas afetam a construção da personalidade do indivíduo.

Os fatos históricos em si são retratados de modo restrito, havendo grandes elipses com relação a momentos importantes. Há a utilização do personagem-historiador, que não reconhece a História pela objetividade dos fatos, mas a reinterpreta por meio de sua própria consciência, havendo, desse modo, uma incongruência entre o que se percebe e a realidade factual anteriormente

registrada. Isso remete à impossibilidade de se abarcar totalmente o modo como as pessoas do passado viviam e compreendiam a sua própria época, uma vez que essa realidade já não existe mais. Dessa forma, o próprio acesso ao passado e a precisão de seu registro histórico tornam-se questionáveis (WESSELING, 1991, p. 67-9; 75-88).

O modernismo perde sua força após as atrocidades da Segunda Grande Guerra, quando a ciência e o progresso tecnológico passam a ser percebidos como meios de domínio e opressão. As investidas contra os discursos humanistas e positivistas utilizados como forma de controle e poder tornam-se cada vez mais intensas. Novos significados são atribuídos a tudo o que se acreditava até então, levando todas as formas de contestações a atingirem um extremo. Isso culmina na reformulação radical do romance histórico, tal como se apresenta em sua caracterização pós-modernista, o qual procura adequar sua forma e conteúdo ao ceticismo que permeia as reflexões do mundo ocidental (HUTCHEON, 1991, p. 43; 46-7).

Alguns críticos acreditam que o pós-modernismo é contrário ao movimento modernista que o antecede, mas isso ocorre com relação a algumas características, enquanto outras permanecem de forma intensificada ou remodelada. Por exemplo, como anteriormente mencionado, persistem as controvérsias sobre a impossibilidade de uma verdade única, a consciência subjetiva na percepção de mundo, a alteridade do passado como algo inalcançável em sua essência. Assim, muitas das abordagens estéticas, filosóficas e ideológicas modernistas passam a ser tratadas de modo diferenciado, com o objetivo de repensar e questionar a tradição e suas convencionalidade (HUTCHEON, 1991, p. 52; 74-76).

As problematizações pós-modernistas realizadas pelo romance *O Império do Sol*

Segundo Elias (s.d., p. 49-55), o romance meta-histórico – como se define esse tipo de narrativa, por suas formas de repensar a História, após 1960 – torna-se também a literatura do pós-trauma. Seu objetivo não é a vitimização dos indivíduos que vivenciaram uma tragédia, mas trabalhar com o imaginário traumatizado na experiência de uma situação-limite.

Para tanto, muitas obras, entre as quais incluímos *O Império do Sol*, tratam do drama de consciências perturbadas e sujeitos fragmentados, além de problematizar o empirismo positivista por meio de várias possibilidades interpretativas dos mesmos fatos, e uma resistência às conclusões fechadas e únicas.

Esses aspectos são abordados no romance aqui analisado, principalmente por meio de uma ótica descentralizada e subjetiva na narração dos acontecimentos, como evidenciaremos a seguir.

Questões envolvendo a descentralização e subjetividade nesse romance

A perspectiva descentralizadora, a qual põe em relevo tudo o que não se encaixa nos padrões preestabelecidos, os quais orientam para uma visão de mundo universalizante, torna-se fundamental na composição dessa obra.

Essa perspectiva tem por finalidade o reconhecimento dos diferentes grupos culturais que constituem a sociedade, mas que se encontram marginalizados pelos paradigmas tradicionais. Toda a heterogeneidade que compõe as formações coletivas é enfatizada, havendo uma desconstrução de noções de identidade fixa, como as fundamentadas em raça, etnia, gênero, classe social, educação, entre outras. Além disso, torna-se marcante a focalização de culturas regionais ou particulares, pouco conhecidas do público ocidental, em substituição àquelas irradiadas pelos grandes centros europeus e norte-americanos (HUTCHEON, 1991, p. 29-30; 86-87).

Aqui essas características são observadas em seu modo de tratar o momento histórico abordado, no fato de a ação se desenrolar particularmente em Xangai, e na construção da identidade do protagonista, que não se deixa definir por quaisquer estigmas relativos a suas origens ou criação.

Embora a época retratada seja delimitada pela Segunda Guerra Mundial, a obra dedica-se apenas a uma pequena fração dela, ao voltar-se especificamente para a guerra sino-japonesa. Seu ângulo de enfoque afunila-se ainda mais ao retratar, particularmente, a situação que afeta Xangai. Não existe nenhuma contextualização mais abrangente sobre a China ou o mundo na época, nem esclarecimentos sobre a situação política entre os países inimigos e aliados.

A partir dessas considerações, observamos a descentralização dessa narrativa com respeito à maioria dos discursos históricos e literários disseminados em nossas sociedades sobre esse momento histórico. Normalmente, eles apresentam referências a questões que são consideradas mais significativas, como as invasões alemãs, o nazismo e o holocausto. Nesse romance, esse período é apresentado de modo bastante fragmentado, sem que haja qualquer tentativa de se atingir uma totalidade histórica.

Essa parcialidade é intensificada por meio da subjetividade de Jim. Sua atenção permanece voltada apenas para o que ouve, vê e vivencia, de modo que suas conclusões sobre o que testemunha se dão num nível bastante pessoal.

Sua mente em formação é utilizada para confundir os limites entre a realidade e a imaginação, já que certas experiências narradas são distorcidas por suas fantasias infantis ou um estado momentâneo de confusão mental. Desse modo, a obra leva-nos a refletir sobre as nossas próprias limitações ao interpretarmos a realidade:

E se a certeza subjetiva, sustentada pela evidência, não corresponde à verdade? E se a certeza nos prende em nós mesmos como uma alucinação? E se o grande erro é o homem acreditar na claridade absoluta da razão que lhe revela objetos inteligíveis, banhados em luz clara – por isso mesmo ofuscante – sem qualquer vestígio de sombra, mas irreais? A ficção literária consegue tal façanha. O texto do romance faz eclodir essa série de dúvidas (BOËCHAT, 2000, p. 35).

Na qualidade de leitores, somos levados a reinterpretar as impressões do protagonista, de modo a obter um sentido mais realista dos fatos; completar essas informações com algum conhecimento que já possuímos sobre o assunto e, por fim, utilizar nossa própria imaginação para preencher as grandes elipses deixadas pelo texto, de modo a atribuir-lhe significados que satisfaçam nossa própria lógica. É certo que qualquer leitura demanda tais procedimentos interpretativos, mas aqui isso é intensificado devido ao modo como se dá a composição da narrativa.

Percebemos, então, que ao descrevermos sua ótica descentralizadora e subjetiva, simultaneamente, ocorrem várias problematizações: a forma fragmentada com que a realidade se apresenta; a impossibilidade de se recuperar os fatos passados em sua totalidade; as relações entre a imaginação e a percepção da realidade, as incoerências da subjetividade, além dos problemas relativos à necessidade de reconstruirmos significados, seja na leitura de uma narrativa, seja na interpretação do próprio mundo que nos cerca.

Todas essas questões levantadas pela obra ao relatar um fato histórico, mesmo na qualidade de uma ficção, podem ser aplicadas à historiografia tradicional, em relação à composição de seus discursos.

Ainda que de modo bastante simplista, somos levados a ponderar sobre as condições de criação de seus registros históricos, as dificuldades em selecionar informações embasadas em diferentes pontos de vista, os quais podem ser divergentes e mesmo contraditórios. Os dados devem ser reinterpretados e as lacunas preenchidas pelo historiador, tanto pelo conhecimento adquirido por meio de outros discursos – os quais foram compostos diante das mesmas dificuldades –,

como por uma boa dose de criatividade e bom-senso de sua parte. Dessa forma, um novo discurso é gerado, o qual, mesmo sendo coerente e inteligível, não significa que tenha capturado a realidade factual de modo objetivo, nem que o autor esteja livre de suas próprias limitações interpretativas e ideológicas (BOËCHAT, 1991, p. 46-48).

O que discutimos acima, torna-se o cerne do romance histórico pós-moderno: demonstrar que os modos como interpretamos a realidade e como reproduzimos a História dependem de tantos fatores envolvendo a atribuição pessoal de significados, que não é humanamente possível se chegar à uma verdade autêntica e unívoca sobre o passado.

Nesse aspecto, a obra se alinha com as abordagens da nova historiografia, que rechaça os termos antes aceitos sobre as noções de verdade e de conhecimento histórico. Há uma ampliação dos temas tratados, inserindo as pessoas comuns como agentes formadores da História. O passado deixa de ser considerado imutável, e seus discursos objetivam uma aproximação da realidade factual, a partir de múltiplos pontos-de-vista, evitando-se afirmações unilaterais e hierarquizadas da História².

Defendemos aqui uma visão generalizada sobre a descentralização e a subjetividade presentes na obra, mas esses aspectos continuarão a ser abordados, com maior ou menor ênfase, porque fundamentam toda a narrativa, em seus muitos aspectos.

A construção da personalidade do protagonista e seu condicionamento pelo meio-ambiente

A caracterização da individualidade de Jim é algo bastante explorado pela obra, impossibilitando quaisquer pressuposições sobre o desenvolvimento de seu caráter, baseadas em generalizações relativas a suas origens. Além disso, a peculiaridade com que reage à nova situação que se estabelece a sua volta, denota suas diferenças em comparação a outros cidadãos ingleses, com os quais compartilhava o mesmo estilo de vida, anteriormente à guerra.

Por meio da particularização dessa personagem, somos levados a refletir sobre a ausência de padrões que delimitem sua identidade, ratificando sua independência com relação aos pressupostos homogeneizadores entre aqueles que pertencem a um mesmo grupo (HUTCHEON, 1991, p. 29).

A guerra representada na narrativa ultrapassa a condição do mundo externo, para coexistir internamente em Jim, tornando-se enraizada em seu próprio ser. Seu raciocínio, emoções e atitudes resultam das circunstâncias em que se encontra, as quais condicionam o desenvolvimento de sua personalidade.

Logo que é separado de seus pais, o garoto sabe que nada mais será como antes. Ele sente todo o seu mundo ruir, assim como sua vida e seu próprio ser:

Jim sentou na cama, de frente para a imagem estrelada de si mesmo que se projetava no centro do espelho. Um objeto pesado tinha sido atirado contra o grande espelho e pedaços de si mesmo pareciam voar pelo quarto, espalhando-se pela casa vazia (BALLARD, 2007, p. 64).

A imagem acima remete ao tema recorrente da fragmentação do sujeito, o qual perde sua identidade durante um trauma que o desestrutura internamente (ELIAS, s.d., p. 52). Tudo o que ele conhecia e acreditava, não existe mais; desse modo, todos os parâmetros que havia utilizado para definir a si mesmo, também são destruídos.

A ruptura com seu antigo eu dá-se de forma abrupta e radical. A urgência da situação não permite uma transição gradativa entre o que ele era e o que se torna.

A transformação de sua personalidade define-se também pela alteração de seu nome: durante toda a guerra, quase ninguém de sua convivência saberá que se chama James Graham, e que é filho de prósperos ingleses. Ele passa a ser Jim, um simples órfão esfarrapado.

A consciência de uma descontinuidade entre o passado e o presente, afeta Jim de modo intenso:

Foi forçado a admitir que não poderia reconhecer nenhuma das constelações. Como tudo o mais desde a guerra, o céu estava num estado de mudança. Em consequência dos seus movimentos, os aviões japoneses eram seus únicos pontos fixos, um segundo zodíaco sobre a terra destruída (BALLARD, 2007, p. 153).

Essa passagem demonstra a desfamiliarização de todo o ambiente que o cerca. Nada mais se identifica com o tempo anterior à guerra, uma vez que o próprio cosmos havia se transformado e a linearidade do tempo, interrompida. Essa imagem mítica que se forma na mente de Jim remete a um evento apocalíptico, o final de todo um ciclo que desaparece para dar início a outro, sob o domínio dos japoneses, detentores do poder de vida e morte. Segundo Elias (s.d., p.

55), o mito no romance histórico é evocado para denotar a ausência de um núcleo estável, retratando uma realidade descentralizada, caótica e incompreensível.

Apesar dos choques de realidade, as conjunturas que envolvem Jim desde seu nascimento, juntamente com seus atributos pessoais, contribuem para a rapidez e o êxito de sua transformação. Ele é, desde o início, uma espécie de apátrida: embora nascido na China, não tem intimidade com essa cultura e nem sequer sabe o idioma. Seu círculo social se restringe à comunidade inglesa, mas nunca esteve na Inglaterra e, portanto, não nutre nenhum sentimento por esse país.

Somando-se a isso, ele possui um aguçado senso crítico, que o mantém alheio às apologias de superioridade britânica ou eurocêntricas relativas às outras culturas. Jim até mesmo nutre um certo desprezo pelos ingleses com os quais convive, por se comportarem de modo frio e arrogante.

O menino percebe que, dada a situação de submissão aos japoneses imposta a eles, esse comportamento entre a maioria dos britânicos trata-se de uma tolice e, ainda, da negação da realidade. Por exemplo, ao obtermos sua primeira impressão do médico do campo de Lunghua, temos uma amostra de sua perspectiva: “Não ligava para o guarda japonês, falando como se ele fosse um simples criado que logo voltaria para seu alojamento. Jim concluiu que ele era um desses ingleses desagradáveis que se recusavam a compreender que tinham sido derrotados” (BALLARD, 2007, p. 133).

Além disso, a realidade que observa em Xangai, mesmo antes da guerra, é bem diferente daquela dos padrões ocidentais. Desde pequeno via caixões se aglomeram às margens do rio, deixados por familiares que não podiam arcar com enterros. Estava também acostumado a se deparar com corpos congelados de mendigos, mortos ao relento.

Com isso, percebemos que o protagonista, mesmo superprotegido em seu cotidiano, desde sempre conhece as atrocidades humanas, o que leva a uma ausência de choque frente às situações de morte e miséria. Isso é evidenciado pelo tom quase casual com que a narrativa descreve as atribulações das populações mais pobres, principalmente quando se realiza sob a ótica do menino. Embora Jim sinta pena dos chineses, não existe revolta ou surpresa em suas constatações.

Considerando esses aspectos de sua vida, tanto encontramos uma explicação para sua frieza emocional em relação ao que virá a enfrentar no futuro, como uma advertência da obra sobre os riscos do hábito em nossa visão de mundo. Implicitamente, é-nos demonstrado que, inconscientemente, acabamos por nos

dobrar às situações absurdas de nossa sociedade, tratando-as como se fossem inevitáveis, ou mesmo justificáveis para a manutenção da ordem estabelecida.

Quanto à educação privilegiada de Jim, esta deixa de lhe ser funcional quando tem que sobreviver sozinho. Entretanto, sua pouca idade e sua infância resguardada pela proteção familiar, não o tornam permanentemente inapto para enfrentar os obstáculos, como se poderia esperar. Sua ingenuidade inicial é substituída por uma incrível sagacidade em burlar o perigo e a fome. Isso vem de sua habilidade interna de reinventar a si mesmo e reinterpretar a realidade que o cerca. Sua facilidade em observar e analisar as diferentes pessoas com as quais convive, como os soldados japoneses, faz com que possa manipulá-los a seu favor, além de constantemente angariar o auxílio alheio para superar as adversidades.

Jim torna-se uma personagem complexa, já que, apesar de cultivar uma imaginação fértil, em diversas ocasiões é capaz de enxergar além das aparências e não se deixa influenciar por julgamentos preconcebidos. Muitas vezes, apresenta uma lucidez incomum ao perceber certos controles ideológicos a que todos eram submetidos.

Por exemplo, os cinejornais financiados pelos governos europeus buscavam transmitir uma falsa sensação de invencibilidade, o que acabou por gerar um perigoso sentimento de segurança entre os estrangeiros de Xangai. O resultado disso é que muitos se recusaram a deixar o país enquanto podiam, dando-se conta dos riscos apenas quando se tornou tarde demais para fugir.

Ao comparar os relatos da imprensa com sua própria observação dos fatos, Jim começa a discernir o encobrimento e a distorção da verdade, o que muitas das personagens adultas não são capazes de fazer. Contudo, devido à repetição frequente com que os britânicos eram bombardeados pela propaganda de guerra, ele não consegue se manter totalmente imune a seus efeitos:

Xangai inteira estava virando um cinejornal latejando de dentro de sua cabeça. Teria seu cérebro ficado prejudicado por tantos filmes de guerra? Jim tentou contar à sua mãe os seus sonhos, mas como todos os adultos de Xangai naquele inverno, ela estava preocupada demais para lhe dar atenção. Talvez ela também tivesse pesadelos. De uma forma misteriosa, aqueles imagens arrastadas de tanques e bombardeios eram inteiramente silenciosas, como se sua mente adormecida estivesse tentando separar a guerra real dos conflitos inventados pela *Pathé* e pela *British Movietone* (BALLARD, 2007, p. 12-13).

Desse modo, a obra também alerta para os discursos direcionados aos interesses da classe dominante, os quais podem afetar nossa visão da realidade, se

não desenvolvermos um espírito crítico e questionador com relação ao que nos é dito.

Com relação à conduta de Jim, verificamos que padrões básicos de comportamento, antes considerados óbvios, passam a ser ignorados ou completamente invertidos, como garantia de manutenção da vida, no momento em que se instala a situação-limite. Sua atitude se destaca por desafiar o senso comum, encontrando soluções que, em outras circunstâncias, seriam socialmente inadmissíveis.

Ele passa a nutrir sentimentos positivos sobre a guerra, quando compara esse período com seu estilo de vida anterior. Jim percebe que a ordem social e familiar de antes, orientadas por rígidos princípios britânicos, eram sua verdadeira prisão, valorizando a nova liberdade encontrada:

[...]. Em casa, se ele fizesse algo errado, as consequências durariam dias. Com Basie desapareciam instantaneamente. Pela primeira vez na vida Jim sentiu-se livre para fazer o que quisesse. Toda espécie de ideias caprichosas passavam por sua mente, alimentadas pela fome e pela excitação de roubar os velhos prisioneiros (BALLARD, 2007, p. 123).

Jim torna-se hábil em roubar objetos e negociá-los em troca de comida, constituindo-se em uma de suas aventuras, com grandes vantagens para sua sobrevivência. Enquanto a maioria dos prisioneiros adultos, e até mesmo a dos soldados japoneses, definha pela desnutrição, ele se fortalece fisicamente, a olhos vistos.

Além disso, sua genuína curiosidade diante de fatos que nos parecem sinistros, como seu interesse por observar cadáveres, evidencia sua inclinação mental em adaptar-se ao meio, tirando disso o melhor proveito possível. Enquanto outros tendem a se sentir aterrorizados ou, no mínimo, entorpecidos com a visão de corpos espalhados, ele simplesmente se concilia com a morte a seu redor, concentrando-se em filosofar sobre a existência da alma.

Essa ausência de aversão faz com que se mantenha física e mentalmente funcional diante da inevitabilidade dos acontecimentos, o que lhe permite colaborar com o bem comum, auxiliando no hospital do campo, e encarregando-se do enterro dos corpos.

Com a caracterização de Jim, somos levados a repensar sobre as consequências da atuação humana sobre o ambiente e suas implicações para a vida individual e coletiva. Isso se torna óbvio no caso da ruptura da vida normal, substituída por uma situação-limite, como a representada pela narrativa.

A partir disso, os efeitos psicológicos, éticos e morais da guerra são colocados em debate, em conjunto com as influências exercidas por discursos institucionalizados que exercem grande poder sobre as massas, como aqueles veiculados pela grande mídia (ELIAS, s.d., p. 49).

A seguir, verificaremos como a obra realiza um questionamento não só sobre a guerra em si, mas também sobre o poder político e econômico, a dinâmica das relações humanas e a relatividade das ideologias sociais.

A subversão de valores na obra

Acima verificamos, com referência a padrões de conduta, como a guerra interfere para criar uma ausência de qualidades éticas e morais nas ações dos indivíduos, como ocorre com Jim. Essa situação faz com que desajustes éticos e morais sejam justificados por imposição do meio. As relações humanas tornam-se evidentemente contaminadas pela necessidade de sobrepujar o outro, a fim de que se garanta a própria sobrevivência.

Todavia, de acordo com as colocações da narrativa, a corrupção nas associações humanas possui uma base sólida no mundo civilizado e é disseminada nos sistemas mais básicos da vida em comum, como destacaremos abaixo.

As muitas realidades de Xangai, uma cidade essencialmente cosmopolita, são representadas na obra, principalmente, com relação a três grupos distintos: os chineses, divididos entre trabalhadores e miseráveis; os ricos empresários europeus e suas famílias, e os soldados a serviço da armada japonesa. Embora todos compartilhem da mesma cidade, vivem em universos totalmente diferentes, sem pretenderem qualquer interação entre si. A única conexão mantida entre eles, define-se pelo liame que une dominantes e dominados.

Os chineses são explorados, na qualidade de mão-de-obra barata, pelo poder econômico europeu. Incontáveis revoltas de trabalhadores acirram a violência entre a população mais baixa, ao mesmo tempo em que os protestos dos operários fomentam uma ameaça crescente à vida dos patrões estrangeiros.

Mesmo no seio da vida familiar, a criadagem chinesa mal se comunica com os habitantes da casa, tanto pelas dificuldades impostas pelo idioma, como por não ser adequado às regras de etiqueta convencionais. Isso pode ser observado na seguinte passagem: “[...] ele ficaria livre para perambular sozinho pela casa vazia, seu maior prazer. Os nove criados chineses estariam lá, mas para Jim e para outras

crianças inglesas, eles permaneciam tão passíveis e invisíveis como os móveis” (BALLARD, 2007, p. 14).

O fato de Jim considerar-se só, mesmo com nove pessoas sob o mesmo teto, objetificando-as como parte da mobília, é sintomático do abismo social que atingia as diferentes classes e etnias na época.

Para agravar a situação, refugiados chineses chegam todos os dias a Xangai, provenientes das regiões mais devastadas pelos soldados. Sem meios de sustento, há a proliferação de crimes, prostituição e morte por violência, frio e inanição.

Quando os japoneses finalmente se apossam de Xangai, uma nova relação de domínio se estabelece em decorrência de sua superioridade bélica. Tanto os chineses quanto os europeus ficam sob seu jugo, sujeitos a toda sorte de despotismo e violência.

Aqui são levantadas questões relativas às diferenças entre culturas, nacionalidades, etnias e classes. Nesse sentido, esse romance abala as convicções na humanidade em si e, de modo geral, em suas formas de relacionar-se com o outro, definidas por seus sistemas políticos, econômicos e ideológicos.

Os méritos atribuídos ao sistema capitalista como tributário dos regimes democráticos, mostra-se completamente destituído da capacidade de promover o bem-estar comum entre cidadãos de diferentes origens e classes. Ao contrário, serve mais como instrumento para se manter uma acentuada estratificação social, onde os europeus, detentores do poder financeiro, se beneficiam às custas da opressão e objetificação dos trabalhadores chineses.

Por outro lado, os avanços tecnocientíficos utilizados na guerra, tornam-se detratores da vida humana, levando tanto ao extermínio indiscriminado de soldados e civis, quanto à disseminação da miséria, opressão e desespero entre os sobreviventes.

Mesmo o patriotismo, tão louvado por todas as culturas como algo positivo, é parte do problema na obra, já que serve aos governantes como meio de inflar o brio nacional, a fim de manipular a população. Desse modo, os cidadãos passam a apoiar as decisões políticas mais bárbaras de seus governos, perdendo quaisquer sentidos de justiça ou benevolência para com aqueles que não pertençam à mesma nação ou grupo.

Ao mesmo tempo, a narrativa evidencia o caráter ilusório desses valores: tanto os ingleses quanto os japoneses, ao deixarem-se nortear por esses princípios, sofrem graves consequências. Os primeiros acabam mortos ou presos no campo de concentração, enquanto que os segundos selam seu destino ao atacar *Pearl Harbor*,

culminando em sua derrota, anos depois, com o terrível bombardeamento de Hiroshima e Nagasaki.

Em síntese, as classes dominantes, subjagam e causam sofrimentos às massas, apoiando-se em valores que fomentam sentimentos de superioridade e a depreciação do outro. Assim, toda a civilização é abalada, havendo uma disfunção generalizada no funcionamento da vida coletiva e pessoal em todos os níveis, seja com relação a grupos, países ou ao mundo em si.

Com isso, a obra promove a conscientização sobre os riscos de nos tornarmos subservientes às ideologias culturalmente transmitidas, adotando um tom catastrófico ao colocar em relevo as consequências de nossas próprias crenças.

Por outro lado, ao caracterizar Jim e suas formas de atribuir novos sentidos à realidade, demonstra que os valores sociais não são fundamentados em verdades absolutas e universais, mas em interesses humanos. Uma vez evidenciada sua relatividade, já que se alteraram na obra, conforme a situação-limite instalada, tornam-se passíveis de alteração a qualquer momento, dependendo apenas de nossas escolhas. Isso leva a uma reflexão sobre nossos próprios julgamentos da realidade e nossa conduta em relação ao outro, os quais podem ser transformados ao extremo, apenas ao ampliarmos nossas perspectivas.

Características relativas à narração e ao tempo cíclico delineado na obra

Embora a narração seja heterodiegética, é focada em Jim, sendo construída a partir dessa duplicidade de vozes, as quais se intercalam e se justapõem, tornando difícil delimitar quando se trata de considerações feitas pelo narrador ou pela personagem.

O romance formula seus desafios, em grande parte, de modo implícito, obtendo um efeito meta-histórico apenas por seu modo de narrar os acontecimentos. Com exceção da ambivalência gerada pela mistura de vozes da narração, não há mudanças drásticas em comparação com as formas narrativas tradicionais.

Embora alguns teóricos afirmem que o romance pós-moderno deva ser radical também em sua forma, adotando modos de expressão inovadores e surpreendentes, Elias (s.d., 70-71) entende que a função desse gênero é a de desafiar a historiografia por meio de um conteúdo radical, mesmo que este se manifeste por formas literárias realistas.

Alguns traços da narrativa seguem os do período modernista como, por exemplo, o respeito à cronologia histórica documentada, sem anacronismos evidentes, e as grandes elipses com referência a momentos históricos importantes. Além disso, o conhecimento do passado é adquirido sob uma ótica individual, como um modo de analisar mais a natureza humana em si e sua interpretação da realidade, que buscar a elucidação histórica.

Há também características inerentes ao romance histórico clássico, já que certas personalidades históricas, como Madame Chiang e Mao Tsé são apenas mencionados, sem qualquer função na intriga, a não ser a de situar a ficção em uma determinada época.

Anderson (2007, p. 206; 217) justifica essa mistura de estilos literários como uma característica inerente ao gênero do romance, que permite essa versatilidade por tratar-se de uma forma inacabada, em constante mutação. Essa mescla acaba por complementar-se nessa narrativa, em nada prejudicando o sentido geral da obra e sem destituí-la de seu caráter crítico pós-moderno.

O tempo cíclico é nela utilizado, tanto em seu conteúdo como em sua forma, remetendo ao eterno retorno dos processos humanos, que aprisionam homens, mulheres e sociedades, sem que possam transcendê-los.

Com relação ao conteúdo, ao analisarmos a trajetória de Jim: ele perde seu lar e sua família, todo o seu mundo é destruído. Ele consegue refazê-los, a seu modo, no campo de Lunghua. Ao fim da guerra, novamente perde tudo o que lhe é familiar. O alívio que deveria sentir, transforma-se em extrema solidão. Seu retorno ao lar não é motivo de felicidade, mas de angústia, já que não há mais nenhuma relação entre Jim e o menino James de seu passado.

Sozinho na mesa de jantar, comia fartas refeições diariamente e de noite dormia pacificamente em seu quarto, no último andar da casa irreal da avenida Amherst, que antes tinha sido seu lar, porém, agora, mais parecia uma ilusão, como os cenários dos estúdios de filmagem de Xangai (BALLARD, 2007, p. 371-2).

Após dois meses em casa, Jim deve partir para estudar na Inglaterra. Ele sabe que enfrentará um novo choque de realidades, já que deve trocar a China por um país totalmente desconhecido. Sua vida segue sendo dividida em partes, fragmentada, sem que alcance uma constância.

Corroborando esse aspecto temporal, a obra inicia com o seguinte parágrafo: “A guerra chegou cedo a Xangai, surpreendendo a todos como as marés que invadiam o Yangtzé e devolviam a essa cidade pomposa todos os caixões lançados à deriva do dique chinês” (BALLARD, 2007, p. 9).

Ao compará-lo com o último, percebemos imediatamente a semelhança entre ambos, ao evocar a mesma imagem:

As flores formavam uma grinalda oscilante em torno do caixão, quando este começou sua longa jornada para o estuário do Yangtzé, só para voltar com a maré cheia, entre o cais e os lamaçais, levados mais uma vez para as margens daquela cidade terrível (BALLARD, 2007, p. 376).

De modo geral, verificamos que a fragmentação interior de Jim permeia todo o universo da obra, e se observa também no estilo de escrita do autor, pela narração inconclusiva dos fatos, pela ausência de explicações históricas, pela representação de relacionamentos breves e entrecortados do protagonista com as outras personagens e, também, por seu final inconclusivo.

O destino de Jim, embora não revelado pela narrativa, fica subentendido pela presença do tempo cíclico: de uma forma ou de outra, suas provações vão prosseguir e, talvez, ele continue encontrando modos de superá-las.

Considerações finais:

Pudemos estabelecer que a narrativa fundamenta-se na exploração de uma consciência traumatizada pela súbita instalação de uma situação-limite. Essa condição é utilizada para retratar, de modo intensificado, as inconsistências da mente humana em sua percepção do mundo externo, a inacessibilidade ao passado objetivo, bem como a natureza das relações entre diferentes indivíduos, grupos e sociedades.

A partir disso, surgem contestações sobre os valores que determinam as formas de pensar da humanidade, principalmente no que concerne às sociedades ocidentais e seus discursos ideológicos utilizados como formas de controle.

Por meio dessa obra, Ballard relaciona o passado histórico com a época presente, ao transformá-la em uma advertência à sociedade contemporânea sobre as formas de domínio conectadas a preceitos humanistas, mas utilizadas em detrimento das populações, como o progresso científico e tecnológico, o capitalismo e tudo o que orienta os rumos da civilização moderna.

Ao deixar de incorporar em seu romance as motivações da guerra, Ballard tem algo a dizer: a racionalização desse evento em termos de interesses ou justificativas de cunho político, nacional ou financeiro não é significativa. O que importa é explicitar o absurdo das situações que são criadas pelos governantes e,

principalmente, apoiadas por nós, cujas consequências são catastróficas para o mundo como um todo.

O fato de o protagonista ser uma criança que deve crescer em meio à brutalidade da guerra, atinge o leitor em cheio, levando-nos a repensar o passado histórico sob a perspectiva humana. Ao individualizar a guerra e suas consequências por meio de Jim, a obra nos leva a reavaliar nossas crenças sobre verdade e justiça quando consideradas sob um diferente prisma. Isso nos leva a uma busca pela compreensão mais profunda do que se esconde por trás do que consideramos valores universais e de senso comum.

No caso dessa obra, ao desconstruir a noção de homogeneidade, evidenciando as diferenças entre grupos e indivíduos, surge, ao mesmo tempo, a consciência de que, independentemente de nossas origens ou cultura, temos os mesmos direitos à vida, dignidade e respeito. Entretanto, as fundações de nossas sociedades e as crenças por elas disseminadas não permitem que isso seja alcançado. Daí sua demonstração de que, enquanto nos submetemos a essas formas de sistemas sociais, estaremos todos confinados a uma espécie de tempo mítico, que transforma as atribulações de nossa existência em um eterno presente, sem escapatórias.

Como uma característica da ficção pós-moderna, não há soluções oferecidas. Qual seria, então, o significado de toda essa desconstrução que esse tipo de literatura nos proporciona?

O processo de leitura de *O Império do Sol* nos mostra que a ausência de possibilidades empíricas, a consciência do não saber, pode ser, também, uma forma de conhecimento. Senão conhecimento sobre fatos reais, conhecimento sobre nós mesmos enquanto raça humana e indivíduos, membros de uma sociedade, submetidos a um contexto sociocultural. Ao esboçar nossas limitações, a obra abre-nos novas possibilidades, faz-nos buscar novos caminhos para a abordagem do passado, reavaliar nossos valores e ampliar nossa visão de mundo.

Ao considerarmos perspectivas antes ignoradas, compreendemos que o que parecia óbvio e inevitável poderia ter sido diferente. Não haveria mudanças, nem progressos nas formas de pensar o mundo se não houvesse dúvidas sobre a eficácia de como isso se dá.

O fatalismo seria crer na ilusão de nosso poder de raciocínio lógico e observações pseudo-empíricas, como parte de princípios humanos inabaláveis. Isso nos deixaria estagnados em nossas ilusões de senhores absolutos da verdade, o que certamente justificaria tragédias ainda maiores do que as já vivenciadas.

Notas

1 Disponível em: <<http://www.theguardian.com/books/2006/mar/04/fiction.film>>. Acesso em: 30 jul. 2013.

2 Disponível em: <<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=950>>. Acesso em: 03 nov. 2014.

Referências

ANDERSON, Perry. **Trajetos de uma forma literária**. Novos estudos, n. 77, p. 207-9, março, 2007.

BALLARD, J.G. **O império do sol**. Tradução de José Sanz. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2007. 376p.

BOËCHAT, Maria Cecília (Org.); OLIVEIRA, Paulo Motta; OLIVEIRA, Silvana M. Pessoa (Org.). **Romance histórico: recorrências e transformações**. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 2000. 380p.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. p. 13-26.

ELIAS, Amy J. **Sublime desire: history and post-1960s fiction**. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, s.d., p. 1-149.

LOOK back at Empire. **The Guardian**. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/books/2006/mar/04/fiction.film>>. Acesso em: 30 jul. 2013.

WESSELING, Elisabeth. **Writing history as a prophet: postmodernist innovations of the historical novel**. Utrecht publications in general and comparative literature, 1991. 197p.

Para citar este artigo

CANTARELLI, Raquel de Vasconcelos. O Império do Sol, Um Romance Histórico Pós-Moderno. **Miguillim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 3., n. 3, SET.-DEZ. 2014, p. 119-139.

A Autora

Raquel de Vasconcellos Cantarelli possui graduação em tradutor pela Universidade do Sagrado Coração (1990) e mestrado em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2011). Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2013). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em tradução.